



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA NATUREZA – CCBN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

LUCIANO SANTOS DE FARIAS

PRODUTO EDUCACIONAL

**OFICINAS SOBRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, MEIO AMBIENTE E
NATUREZA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Proposta de produto educacional resultante da dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (MPECIM), da Universidade Federal do Acre (UFAC).

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Pierre André Garcia Pires.

**Rio Branco – AC
2022**

PRODUTO EDUCACIONAL



APRESENTAÇÃO

A proposta de elaboração de um produto educacional está vinculada à indicação posta no Parecer CNE/CES nº 79/2002 que designa os mestrados profissionais como uma modalidade de curso que enfatiza os estudos voltados para a qualificação de profissionais, no caso do MPECIM, profissionais com vínculo ou formação na área da educação.

Neste sentido, os produtos educacionais representam a valorização da relação teoria-prática como a concretização do vínculo inseparável entre a pesquisa e o ensino na produção de conhecimento com base nas questões da realidade do pesquisador (PENTEADO e GARRIDO, 2010).

O curso de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática foi, nessa experiência de pesquisa, um ambiente acadêmico que oportunizou a realização da investigação que propôs conhecer um pouco mais sobre quem são os alunos da EJA I e as suas representações sobre o meio ambiente e a natureza.

Este é um segmento bem diferenciado dos demais dentro da modalidade EJA de Educação, tendo em vista que estão em processo inicial de alfabetização e em sua maioria, são pessoas próximas ou acima de 40 anos de idade, portanto, com um certo grau de maturidade e de experiência de vida.

Por meio da temática que circundou essa pesquisa, foi possível conhecer um pouco mais sobre como pensam e elaboram as suas representações e os objetos de conhecimento com os quais lidam na realidade escolar e fora dela.

A proposta de pesquisa executada considerou que meio ambiente e natureza são temas geradores que desencadeiam ânimo para o desenvolvimento de atividades

escolares e que conseguem agregar uma variedade de outras possibilidades e interpretações interligadas por fatores socioeconômicos e políticos de grande relevância.

Sendo assim, o produto aqui apresentado em forma de material pedagógico voltado para a capacitação de professores da Educação de Jovens e Adultos no desenvolvimento de oficinas práticas contextualizadas, organizadas sobre temáticas que possuem o foco ambiental que envolve a natureza, de maneira a que objetiva promover no clima escolar o incremento de atividades voltadas para a Educação Ambiental.

Nesta perspectiva, este Produto Educacional se revela como uma proposição metodológica, no formato de oficinas, que buscam contribuir para a superação de possíveis limitações de compreensão sobre o meio ambiente e a natureza e que abordam a inserção do ser humano como parte integrante do contexto educacional ao qual faz parte, assim como tudo aquilo que constrói e transforma com base nos próprios elementos naturais.

E, sinceramente, deseja-se com esta proposição que a aplicação desse material conte com a disposição e o carinho dos professores para o trabalho com o ensino na EJA.

Mestrando: Luciano Santos de Farias
Orientador: Prof. Dr. Pierre André Garcia Pires

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Considerações Iniciais | 05 |
| Proposição de Estrutura para uma Oficina Pedagógica | 06 |
| Planejamento de uma Oficina | 08 |
| Sobre os Temas e Proposições das Etapas das Oficinas | 08 |
| Oficinas | 10 |
| Oficina 1 – Tema: | 11 |
| Oficina 2 – Tema: | 13 |
| Oficina 3 – Tema: | 17 |
| Referências | 20 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considera-se que no processo de ensino-aprendizagem, um requisito efetivo a ser acatado pelo professor é obviamente o desenvolvimento de métodos e práticas de ensino que facilitem a aprendizagem do aluno.

Aos professores e professoras cabe a responsabilidade pelo planejamento de suas aulas, com o devido embasamento teórico-prático nos referenciais e documentos que referendam a matriz curricular assumida pela escola e na reflexão sobre quais são as melhores abordagens a serem utilizadas para que ocorram a aprendizagem, considerando o contexto dos sujeitos que aprendem.

Segundo Rodrigues (2007), é possível destacar que as estratégias pedagógicas podem agregar valores aos processos de ensino e de aprendizagem, na medida em que estão em sintonia com os objetivos e os porquês da utilização dessas atividades, indicando que podem ser capazes de criar uma dinâmica positiva no sentido de tornar a aprendizagem mais significativa.

A proposição de oficinas, de acordo com Vieira e Volquind (2002) podem ser caracterizadas como proposições que abrem possibilidades em relação à trocas de experiências entre professores e alunos, agregando ao ensino, a discussão de temas que fazem parte do cotidiano e dos problemas experienciados pelos sujeitos envolvidos na dinâmica de aprendizagem. Podem ser um estímulo para que os participantes compartilhem os seus olhares sobre as proposições de conteúdo.

E mais,

A oficina se caracteriza como uma estratégia do fazer pedagógico onde o espaço de construção e reconstrução do conhecimento são as principais ênfases. É lugar de pensar, descobrir, reinventar, criar e recriar, favorecido pela forma horizontal na qual a relação humana se dá. Pode-se lançar mão de músicas, textos, observações diretas, vídeos, pesquisas de campo, experiências práticas, enfim vivenciar ideias, sentimentos, experiências, num movimento de reconstrução individual e coletiva (ANASTASIOU E ALVES, 2004, p. 95).

As oficinas possuem a envergadura de contribuir para o aumento da aprendizagem, no sentido de valorizar a construção do conhecimento de maneira participativa e crítica, pois, se forem baseadas em situações práticas e próximas do real.

Assim, com o interesse por ampliar a capacidade de entendimento sobre as questões em torno do meio ambiente e da natureza, de realizar análises sobre problemas

ambientais e de transformação do mundo, fica evidente a relevância do uso dessa metodologia de ensino.

Para Moita e Andrade (2006), as oficinas pedagógicas são adequadas para promover a articulação entre diferentes níveis de saberes, portanto, são adequadas e relevantes para compor este produto educacional voltado para a formação dos estudantes de EJA I e de seus professores.

PROPOSIÇÃO DE ESTRUTURA PARA UMA OFICINA PEDAGÓGICA

A composição de uma oficina pedagógica requer a articulação de vários elementos, diretamente relacionados aos objetivos a que se querem alcançar:



Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

FASE 1 – Organização das ideias e principais conceitos, definição do foco, dos temas mais relevantes e dos níveis de interesse, tais como: local, regional, mundial, sujeitos ou público-alvo, objetivos, materiais, embasamento teórico das ações e do conteúdo, tempo, local e metodologia com a qual a temática será abordada;



Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-ND](#)

FASE 2 – Concretização da oficina: organização do ambiente, definição dos equipamentos e materiais necessários, escolha das dinâmicas de interação, apresentação da temática, dos objetivos, problematização do tema, socialização das experiências e expectativas sobre o tema, estudo, debates, produção e socialização das produções.



Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-ND](#)

FASE 3 – Desenvolver as atividades com base em uma sequência avaliativa inicial, formativa e final, no sentido de conhecer a opinião sobre a experiência dos participantes e os níveis de aprendizagem sobre o tema e conteúdos desenvolvidos na oficina.

PLANEJAMENTO DE UMA OFICINA

Assim como toda ação pedagógica, a oficina requer um planejamento (SILVA, 2019):

- **Tema:** Propor um tema que tenha sintonia com a realidade dos estudantes, no caso dessa proposição, os estudantes da EJA I. Qual questão ou problema estão merecendo uma atenção especial?
- **Objetivos:** O que se deseja alcançar com a proposição da oficina. É interessante elencar variados propósitos e estabelecer prioridades, desde que estejam sem sintonia com a questão a ser resolvida;
- **Público-alvo:** Para quem a oficina será ofertada?
- **Quantidade dos participantes:** entende-se que essa quantidade deve favorecer a interação efetiva e ativa dos envolvidos.

SOBRE OS TEMAS E PROPOSIÇÕES DAS ETAPAS DAS OFICINAS

Uma das primeiras ações para identificar os conhecimentos ambientais a serem trabalhados nas proposições de oficinas, é buscar os conhecimentos necessários ao contexto escolar e ambiental no qual ou nos quais as oficinas serão realizadas.

Para isso, sugere-se aqui a ocorrência de entrevistas com os alunos ou a observação do próprio contexto situacional das aulas. Com isso, há a possibilidade de resgate dos conhecimentos prévios e as próprias representações sociais que se referem ao que foi aprendido sobre a natureza e o meio ambiente nas aulas, por exemplo. Podem ser utilizadas questões com esta finalidade, pois, segundo Bogdan e Baklen, (1984), as entrevistas descrevem as informações com a linguagem do próprio sujeito entrevistado, podendo dar sinais das suas interpretações de mundo.

Dessas entrevistas podem muito bem emergirem categorias que podem apontar para determinadas temáticas e o tipo de abordagem a ser utilizada para o que se propõe com a oficina.

Para abordagem de assuntos relacionados a meio ambiente e natureza, por exemplo, sugere-se também a sistematização dos conhecimentos prévios elencados após as entrevistas, possibilitando momentos de interação e reflexão sobre os temas, segundo

a realidade local. Assim, considera-se relevante valorizar o envolvimento da comunidade escolar.

A cada questão, pode-se permitir que os participantes reflitam e sejam provocados a enunciarem as suas opiniões, além de poderem repensar sobre as suas atitudes ou ao tipo de representações que possuem sobre o tema.

É importante arrazoar que estes momentos experienciados em oficinas devem incitar novas compreensões ou a ampliação dos conhecimentos sobre estas, além de provocarem o interesse pela mudança das realidades em seus aspectos cultural e ambiental.

As oficinas aqui propostas para os alunos da EJA I possuem enfoque multidisciplinar, considera o pluralismo de estratégias no que toca as atividades propostas, além de considerar a abordagem de temas do cotidiano e a construção crítico-reflexiva de conhecimentos sobre as representações de meio ambiente dos sujeitos da pesquisa realizada para fins de conclusão do Mestrado Profissional e ensino de ciências e Matemática da Universidade Federal do Acre.

Quadro 1 – Propostas de Atividades das Oficinas

| ETAPAS | ATIVIDADES | TEMPO NECESSÁRIO |
|------------------|---|-------------------------|
| Etapa I | Apresentação do tema por meio de informações diversificadas e com a utilização de recursos midiáticos: vídeos com documentários, materiais impressos e exposição professor. | 03 horas |
| Etapa II | Apresentação sistematizada das respostas ao questionário ou outro tipo de instrumento utilizado para o levantamento das representações dos estudantes sobre a temática proposta; Exposição mais aprofundada sobre o tema escolhido | 03 horas |
| Etapa III | Aprofundamento da temática da oficina com leitura e discussão de textos atualizados (artigos científicos), distribuídos por grupos de estudo formados no percurso da oficina. | 05 horas |

| | | |
|-----------------|--|----------|
| | Apresentações curtas dos conteúdos estudados pelos grupos; | |
| Etapa IV | Discussão do conteúdo; Produção de texto síntese (grupo); | 03 horas |
| Etapa V | Avaliação dos participantes (Produção textual); Avaliação da oficina e do ministrante (ficha de avaliação); | 03 horas |

Fonte: Elaborado pelo autor

OFICINAS

A seguir apresentam-se sugestões de temáticas a serem abordadas nas oficinas. Ressalta-se que a proposição metodológica e de formato aqui delineado é flexível, assim como os seus conteúdos. Sendo assim, os professores podem se valerem do formato de oficina aqui proposto, modificando as temáticas de acordo com a situação contextual apresentada pela turma na qual estará vinculado durante o ano letivo.

É possível pensar sempre na possibilidade de ampliação dos conteúdos por meio de sequências didáticas ou outras estratégias de ensino e de materiais que venham a contribuir para esse aprofundamento durante as aulas no ambiente escolar. O importante é que esses conteúdos sejam desenvolvidos de maneira a cooperar para a compreensão, ampliação e construção de novos conhecimentos dos sujeitos que sejam alvos das oficinas. Em primeira mão, os professores, em outro plano, os alunos que terão a oportunidade de serem orientados por professores mais esclarecidos quanto aos conceitos e formas de abordagem de temas ambientais.

É importante pensar que, em cada contexto de oficinas, sejam produzidos materiais de apoio e instrumentos que facilitem o entendimento do que estará sendo abordado, além de serem utilizados referências textuais que sejam problematizadoras das situações analisadas durante as discussões e exposição dos conteúdos.

Outra sugestão, é que se utilizem materiais que façam referência às situações ambientais acontecidas no contexto amazônico do Acre e do município no qual os professores e estudantes estejam vinculados. Essa experiência de articulação certamente

irá possibilitar o aprofundamento do diálogo, a sistematização dos conteúdos trabalhados, a proposição de ações concretas para os problemas, o entendimento dos conceitos e uma maior sinergia entre os participantes.

OFICINA 1 – Tema: Educação Ambiental: histórico e perspectivas

Introdução

Desde o final do séc. XX, a Educação Ambiental tem sido estabelecida com o intuito de responder a variadas questões desafiadoras, tendo em vista as provocações de todas as ordens impostas pelo sistema produtivo vigente no mundo ocidental, o capitalismo.

A globalização econômica e cultural pode ser compreendida como um elemento forte e desencadeador dos processos sociais que promovem mudanças radicais nas sociedades, por isso, a necessidade de um formato educativo voltado para o estudo dos impactos e consequências das transformações da natureza em função do atendimento das necessidades humanas.

O reconhecimento da complexidade dos problemas que afetam o meio ambiente em vários contextos mundiais, faz da expressão “educação ambiental” uma referência que impregna um tipo de ideário político/econômico, e ocupa com destaque o contexto pedagógico desde o início da década de 1970.

É importante frisar que os anos 70 foram determinantes para o atrelamento da educação ambiental a valores atitudinais reconhecidos a partir da Conferência de Estocolmo, em 1972, invocando a necessidade de uma “consciência” e esclarecimento quanto ao papel dos indivíduos nas suas relações com a natureza e o meio ambiente, no sentido de preservá-los e conservá-los.

Daí é possível reconhecer que mesmo estando inserida nos contextos educacionais por meio de propostas e programas internacionais e locais, como é o caso aqui do Estado do Acre e município de Rio Branco, a educação ambiental ainda tem sido exercida com suportes teóricos sem maiores questionamentos, ou seja, dentro de uma perspectiva que não analisa criticamente as principais causas do esgotamento de certos recursos naturais ou de fenômenos que parecem refletir uma “revolta” da natureza, tendo em vista a grande quantidade de mudanças ambientais produzidas pelo elemento humano.

No Encontro de Belgrado, na Iugoslávia (1975), foi realizado o Seminário Internacional para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 1975), onde foi elaborado o primeiro e um dos mais importantes documentos sobre Educação Ambiental, a Carta de Belgrado (1975), onde foi proposto a reforma dos processos educacionais e dos sistemas de ensino, propondo e tentando consolidar políticas governamentais que promovessem mudanças nas perspectivas de desenvolvimento econômico.

Esse documento vinculou as questões sociais às questões ambientais. Isto está bem entendido quanto ao que está proposto em termos de objetivos e metas a serem alcançadas, além de se observarem as diretrizes básicas para implementação de programas sobre EA em todo o planeta.

Assim, como exemplo, pode-se destacar entre essas diretrizes, a de nº 3 – Letra F, a qual estabelece que “a Educação Ambiental deve adotar um método interdisciplinar” (BELGRADO, 1975, p. 3).

Outro evento a ser destacado ainda na década de 1970, foi a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi, Geórgia, que contou com a participação de cinquenta países que reafirmaram os posicionamentos acordados no Encontro e Carta de Belgrado.

Foi neste contexto de reafirmação que constata-se a evidência do propósito de considerar, de forma igualitária, o “meio ambiente em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e criados pelo homem” (TBILISI, 1977, p.3). Neste sentido, o meio ambiente passou a ser compreendido como a natureza somada ao contextos social, tecnológico, econômico, político, histórico-cultural, moral e estético.

Esse propósito fundamenta muita coisa que se diz e se faz em termos de proposições políticas e educacionais. A Conferência de Tbilisi contribuiu para que a EA passasse a ser concebida sob uma nova perspectiva educacional, considerando desde o pré-escolar, até todas as fases existentes no ensino formal e não formal (TBILISI, 1977).

Dando um salto para a década de 1990, tem-se a realização da Conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento, no Rio de Janeiro, a manifesta Rio-92, onde foram lançados o que foi considerado alicerce para o estabelecimento do conceito de desenvolvimento sustentável e a necessidade de compactuar a aliança do desenvolvimento econômico à proteção do meio ambiente.

Uma das consequências da Conferência Rio-92, foi a escritura do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992).

Dessa forma, a Educação Ambiental foi firmada como um ato de compromisso político e tornou-se um instrumento para veicular a ideia de conscientizar as pessoas para a importância na participação social e responsabilidade pelas decisões que afetam a todos (RIO, 1992, p.2).

As consequências e o desenrolar dos processos sociais e educativos, inicialmente propostos como permanentes tomaram diversos rumos e consequências, tendo em vista as descontinuidades governamentais e proposições concretas tomadas de acordo com o que foi assumido como compromisso efetivo.

Quadro 2 – Sugestões de Referenciais para a Oficina 1

| Materiais | Links ou Referências bibliográficas |
|---|--|
| História e Contexto da EA na Escola – Vídeo – 1 | https://www.youtube.com/watch?v=Z1dTem-OhKU |
| História e Contexto da EA na Escola – Vídeo – 2 | https://www.youtube.com/watch?v=mZRcJU1IXA0 |
| História e Contexto da EA na Escola – Vídeo – 3 | https://www.youtube.com/watch?v=vI0cewK7OKA |
| Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi | TBILISI. Algumas recomendações da conferência intergovernamental sobre educação ambiental aos países-membros. ONU. Geórgia, 1977. |
| Carta de Belgrado | BELGRADO C. Uma estrutura global para a educação ambiental. ONU. Iugoslávia, 1975. |
| Conferência Rio/92 | RIO. Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global. ONU. Rio de Janeiro, 1992 |

Oficina 2 – Tema: Conceito de Meio Ambiente

Introdução

Entende-se que não há unanimidade entre os que pesquisam ou estudam o meio ambiente. Em sentido lato, possui o significado de lugar, onde estão os seres ou as coisas. Em sentido estrito, aceita-se o posicionamento de que significa a combinação de todas as coisas e fatores externos ao sujeito humano ou população de indivíduos, constituídos por seres bióticos e abióticos, suas relações e inter-relações.

Já Reigota (2007), questiona se meio ambiente é um conceito científico ou uma representação social, tendo em vista que conceitos científicos são termos compreendidos e utilizados de forma universal. As representações sociais, para o autor, estão relacionadas com as pessoas que estão fora do círculo acadêmico (REIGOTA, 2007, p.12)

A Lei 6938/81, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), define o meio ambiente como “o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (BRASIL, 1981, p.01).

Além do que está posto no PNMA, a ISO 14001:20043 define meio ambiente como “circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (BRASIL, 2015) p.01).

A terminologia que predomina no Brasil é a da PNMA, que considera tanto o conjunto de bens naturais, quanto o conjunto produzido pelo homem e que afetam a este na sua existência. O conceito de meio ambiente, além de designar um objeto, vincula este ao homem por estar a ele relacionado.

A Constituição Federal de 1988 possui um capítulo específico que trata do meio ambiente, além de considera-lo em vários dispositivos. Tendo em vista isso, a doutrina brasileira de direito ambiental dá ao meio ambiente, o maior número de aspectos e de elementos com base em uma compreensão holística, conceituando-o como a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais e culturais (SILVA, 2000).

Já para Migliari (2001, p.40), o meio ambiente é a "integração e a interação do conjunto de elementos naturais, artificiais, culturais e do trabalho que propiciem o desenvolvimento equilibrado de todas as formas, sem exceções”.

No âmbito das ciências biológicas e naturais, o meio ambiente é visto sob um aspecto mais direcionado ao natural. Segundo Dashefsky (2001), por exemplo, o meio ambiente corresponde à totalidade dos componentes vivos e não vivos, assim como os fatores existentes nos locais onde esses organismos habitam. É o caso dos animais, plantas, os oceanos, a temperatura. Tudo é parte do conjunto a ser considerado como meio ambiente.

Já Guimarães (2006), evidencia que meio ambiente é um conjunto que forma uma unidade complexa, mas, que contém uma diversidade e possui relações contraditórias que se complementam. Como se vê, o termo meio ambiente é muito

flexibilizado e possui embasamento de diversos matizes teóricos contraditórios ou que se assemelham ou se complementam. Meio ambiente apresenta uma grande diversidade conceitual e possibilita diferentes interpretações amparadas pela experiência de vida de cada um (REIGOTA, 2010).

A palavra “meio” também pode ser caracterizada em relação ao meio ambiente e especificamente aos seus aspectos relativos ao ambiente natural, ao ambiente criado pelo homem, ao ambiente cultural e ao mundo do trabalho, tendo em vista os objetivos didáticos voltados para o ensino, na clara demonstração de que o termo é abrangente.

Para que isso fique ainda mais compreensível, busca-se aqui, o auxílio de Sauv   et all (2000), onde são identificadas sete classificações de representações sobre o ambiente, sendo elas: ambiente/natureza, recurso, problema, meio de vida, sistema, biosfera e por último, ambiente como projeto comunitário.

Segue síntese objetiva sobre essas representações:

- O ambiente/natureza: percebido como original e “puro”, dissociado do ser humano - “meio natural”, “  rvores”, “plantas”, “animais”, “cachoeiras”.
- O ambiente/recurso: o qual precisa ser gerenciado pelo homem - água, ar, solo, fauna, bosque, dentre outros. São considerados limitados e com risco de degradação;
- O ambiente/problema: provocado pela urbanização, industrialização, monocultura, consumo excessivo dos grupos humanos;

- O ambiente/meio de vida: reconhecido como um lugar a ser conhecido e reorganizado pelo homem. São ambientes voltados para o cotidiano – bairro, casa, escola, local de trabalho. Neste sentido, é reconhecido o entrelaçamento entre o ambiente natural e o cultural; O ambiente/sistema: apreendido à ideia de espécie, população, comunidade biótica, ecossistema, equilíbrio ecológico, relações ecológicas, em virtude das inter-relações ocorridas no meio ambiente;
- O ambiente/biosfera: vinculado a uma visão global e ampliada do meio ambiente, considerando as inter-relações entre o local e global, as relações temporais de passado, presente e futuro. Expresso por meio de uma “consciência planetária”;
- O ambiente/projeto comunitário: compreendido como algo a ser compactuado por meio de compromisso, tendo em vista a coletividade, como um lugar a ser dividido, visto por meio de um olhar solidário e democrático;

Para Sauv  (2000), essas concep es coexistem, embora sejam muitas vezes contraditórias em seu entendimento e nas práticas. De outra maneira, Sato (2002), interpreta essas diferenças como impossíveis de serem consideradas certas ou erradas, pois, são concep es que podem dialogar ou serem complementares nas possíveis reflexões, estudos ou interpreta es.

Para Reigota (1991),   importante se fazer conhecer as concep es das pessoas sobre o meio ambiente, para que seja possível a proposi o de atividades de educa o ambiental que possuam propósitos transformadores e esclarecedores. Assim, quando se refere   classifica o do entendimento sobre o meio ambiente, na veracidade não se quer estabelecer divisões exclusivas ou compartimentadas, mas, expandir a ideia de que há uma abrangência quanto a esse entendimento.

Quadro 3 – Sugestões de Referenciais para a Oficina 2

| Materiais | Links ou Referências Bibliográficas |
|------------------|--|
| Texto 1 | REIGOTA, M. Meio Ambiente e Representa o Social . São Paulo: Cortez, 1998 |
| Texto 2 | DASHEFSKY, S. Dicionário de Educa o Ambiental: um guia de A a Z . 2.ed. São Paulo: Gaia, 2001 |

| | |
|---|---|
| Texto 3 | MIGLIARI JUNIOR, A. Crimes Ambientais . São Paulo: Lex Editora, 2001. |
| Texto 4 | OLIVEIRA, E. Cidadania e Educação Ambiental : uma proposta de educação no processo de gestão ambiental. Brasília: IBAMA, 2002. |
| Meio Ambiente por Inteiro - Desafios Ambientais- Vídeo 1 | https://www.youtube.com/watch?v=27ZToIzLDfA |
| Meio Ambiente: A importância da preservação do meio ambiente para as gerações futuras- Vídeo 2 | https://www.youtube.com/watch?v=jCmD8GJI4dM |
| Afinal, o que é Meio Ambiente?- Vídeo 3 | https://www.youtube.com/watch?v=tPGtO8EFwwk |
| Entrevista com o professor Marcos Reigota- Vídeo 4 | https://www.youtube.com/watch?v=SWZuDMmF8II |
| A produção de ausência de sentidos - Marcos Reigota- Vídeo 5 | https://www.youtube.com/watch?v=MUtod7mMUCQ |

Oficina 3 – Tema: Conceito de Natureza

Introdução

Nas últimas décadas tem-se observado um forte movimento em razão das preocupações com as questões voltadas para as demandas ambientais e ecológicas. A discussão dessa temática tem crescido consideravelmente, desde o final do séc. XX, quando a Educação Ambiental começou a ser estabelecida com o intuito de responder a variados desafios, tendo em vista as mudanças de todas as ordens impostas pelo sistema produtivo vigente.

A globalização econômica e cultural é um elemento muito forte e desencadeador de processos sociais radicais, por isso, a necessidade de um formato educativo voltado

para o estudo das questões mais emergentes no sentido de entender as consequências das transformações da natureza.

É possível a percepção de um discurso quase consensual de que o ambiente, o meio ambiente ou a natureza são entidades unificadas com as quais os homens se relacionam e nas quais está inserida de maneira veemente a ideia de que deve ser preservada para que as futuras gerações possam ter condições saudáveis de existência.

Dessa forma, os discursos ambientalistas, conservacionistas e de outros grupos voltados para essa questão manifestam a preocupação ambiental a medida que os debates se tornam mais frequentes e passam a integrar cada vez mais pessoas, de culturas e opiniões diferenciadas.

Daí, surgem apropriações de diversos conceitos, com bases contraditórias, às vezes consensuais, às vezes diversa, porém, com propósitos de homogeneização de significados. Para Coimbra (2002), existe na “linguagem ambiental” essa tendência à homogeneizar significados conceituais que são cada vez mais apropriados pelo senso comum, bem como uma diversidade de interpretações de significados coerentes.

Dessa forma, é possível a defesa da ideia de que se realizem estudos sobre questões ambientais e ecológicas, porém, observando os seus fundamentos conceituais com um certo rigor no uso das expressões ambiente, meio ambiente e natureza e, notando as consequências de seus significados.

Portanto, a oficina aqui proposta busca fomentar o debate sobre as polissemias que envolvem as expressões já citadas, a partir da discussão dos aspectos teóricos que possibilitem marcar diferenças significativas entre essas nomenclaturas. Acredita-se que não seja necessário adotar neste momento uma abordagem epistemológica ou etimológica dos conceitos, mas, que ao menos possam ser promovidas reflexões e discussões no âmbito do ensino na Educação de Jovens e Adultos.

Estas indagações sobre os significados direcionam as intenções de pensamento sobre os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza, e também nas apropriações que deles são feitas. Fica evidente que poderiam ser direcionadas muitas questões, porém, julga-se aqui que estas sejam suficientes para que seja dado o início à discussão dos argumentos sobre o entendimento dos termos a serem questionados:

- Qual o nome dado ao conjunto de tudo que existe: natureza, ambiente ou meio ambiente?
- A natureza é algo real, concreto ou existe apenas porque pensamos e falamos sobre ela?

- Se o homem não existisse neste mundo, a natureza existiria sem ele?
- Nós conhecemos todos os elementos da natureza?
- Como o meio ambiente pode ser definido?
- Poderia a expressão ambiente ser aplicada com o mesmo sentido a todos os seres vivos?
- Um organismo interage com todos os elementos do ambiente?
- A natureza pode ser destruída pelo trabalho humano?

Quadro 4 – Sugestões de Referenciais para a Oficina 3

| Materiais | Links ou Referências Bibliográficas |
|--|---|
| Texto 1 | REIGOTA, M. Meio Ambiente e Representação Social . São Paulo: Cortez, 1998 |
| Texto 2 | DASHEFSKY, S. Dicionário de Educação Ambiental: um guia de A a Z . 2.ed. São Paulo: Gaia, 2001 |
| Texto 3 | RIBEIRO, Job Antonio G.; CAVASSAN, Osmar. Os Conceitos de Ambiente, Meio Ambiente e Natureza no Contexto da Temática Ambiental: definindo significados . https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135129/ISSN2346-4712-2013-08-02-61-76.pdf?sequence=1&isAllowed=y Consulta em 15/03/2022. |
| Texto 4 | MATOS, D. A. Seabra; JARDILINO, José R. L. Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similaridades, diferenças e implicações para a pesquisa . Revista Educação e Formação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, v. 3, p. 20-31, set./dez. 2016 |
| Conceito de Natureza- Vídeo 1 | https://www.youtube.com/watch?v=wV7JGXvN-YM |
| Natureza e cultura- Vídeo 2 | https://www.youtube.com/watch?v=NyVUg9cp4wM |
| Meio Ambiente – Conceito- Vídeo 3 | https://www.youtube.com/watch?v=efIddCDsOm8 |
| O Meio Ambiente - Conceito, Importância, Problemas e Preservação- Vídeo 4 | https://www.youtube.com/watch?v=34FtUCjdIBM |

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L.G. C, ALVES, L. P. **Estratégias de Ensino**. Processos de ensino na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, v. 3, 2004.

BELGRADO C. **Uma Estrutura Global para a Educação Ambiental**. ONU. Iugoslávia, 1975.

BOGDAN, Robert; BARKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1984.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981. Política Nacional de Meio Ambiente**.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm . Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

BRASIL. Norma Brasileira. **ABNT NBR ISO 14001. Sistemas de Gestão Ambiental: com Orientações para Uso**. 2015.

<https://www.ipen.br/biblioteca/slr/cel/N3127.pdf> . Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

COIMBRA, J. **O Outro Lado do Meio Ambiente: a incursão humanista da questão ambiental**. Campinas: Millennium, 2002.

DASHEFSKY, S. **Dicionário de Educação Ambiental: um guia de A a Z**. 2.ed. São Paulo: Gaia, 2001.

GUIMARÃES, M. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S.de (orgs.). **Pensamento Complexo, Dialética e Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

MATOS, D. A. Seabra; JARDILINO, José R. L. **Os Conceitos de Concepção, Percepção, Representação e Crença no Campo Educacional: similaridades, diferenças e implicações para a pesquisa**. Revista Educação e Formação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, v. 3, p. 20-31, set./dez. 2016

MIGLIARI JUNIOR, A. **Crimes Ambientais**. São Paulo: Lex Editora, 2001.

MOITA, F. M. G. S. C, ANDRADE, F. C. B. **O Saber de Mão em Mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública**. REUNIÃO ANUAL DA ANPED, v. 29, p.16, 2006.

PENTEADO, H. D.; GARRIDO, E. (Orgs.). **Pesquisa-Ensino: a comunicação escolar na formação do professor**. São Paulo: Paulinas, 2010.

REIGOTA, Marcos, **Meio ambiente e Representação Social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

REIGOTA, Marcos. **Representação Social de Meio Ambiente**.1991, 1995. Disponível em: http://www.cehcom.univali.br/educado/tipos_repres_amb.ppt . Acesso em: 18 de janeiro de 2022.

RIBEIRO, Job Antonio G.; CAVASSAN, Osmar. **Os conceitos de Ambiente, Meio Ambiente e Natureza no Contexto da Temática Ambiental**: definindo significados. <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135129/ISSN2346-4712-2013-08-02-61-76.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Consulta em 15/03/2022.

RIO. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. ONU. Rio de Janeiro, 1992.

RODRIGUES, A. K. A. **Indústrias de Papel e Celulose: riscos ambientais e a saúde**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2018. Disp.em http://repositorio.unilab.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1500/1/TCC_Aline%20Kimberly_Final.pdf . Acesso em 18 de abril de 2021.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: Rima, 2002.

SAUVÉ, L. A formação continuada de professores em Educação Ambiental: a proposta do EDAMAZ. In Sato, Michele e Santos, J.E. (orgs) **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos, RIMA.2000.

SILVA, S. S. **Manual para Estruturação de Oficina Pedagógica**. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/12185/2/Produto_ManualOficinaPedagogica.pdf . Acesso em 12 de janeiro de 2022.

SILVA, J. A. da. **Curso de Direito Ambiental Constitucional**. 3.ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

TBILISI. **Algumas Recomendações da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países-Membros**. ONU. Geórgia, 1977.

VIEIRA, E, VOLQUIND, L. **Oficinas de Ensino: o quê? por quê? como**. 4ª Ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.